

Notas sobre a meditação em Etty Hillesum

Notes on meditation in Etty Hillesum

Diego Fragoso Pereira

Resumo

O artigo investiga o conceito de meditação, tal como aparece no *Diário* da jovem judia holandesa Etty Hillesum (1914-1943), no dia 8 de junho de 1941. Para isso, nosso texto se divide em três partes. Na primeira, apresentamos algumas notas biográficas sobre Etty. Na segunda, consideramos o percurso inicial da meditação, desde a constatação de um estado interior de caos, passando pelo mergulho dentro de si, submergindo – *sich versenken*, em alemão –, chegando à escuta do que há dentro. Na terceira, abordamos a tripla finalidade da meditação. Ora, em Etty, o conceito de meditação tem uma definição e uma tripla finalidade. Meditar é virar-se para dentro, mergulhar em silêncio, escutando o que se passa no interior. Medita-se para transformar o matagal interior em uma planície grande e ampla. Medita-se para que cresça algo de Deus em nós. Medita-se para que cresça em nós um pouco de amor, com o qual se pode fazer algo no cotidiano.

Palavras-chave: Etty Hillesum. Espiritualidade. Meditação. Deus. *Diário*.

Abstract

The article investigates the concept of meditation, as it appears in the *Diary* of the young Dutch Jew Etty Hillesum (1914-1943), on June 8, 1941. For this, our text is divided into three parts. In the first, we present some biographical notes about Etty. In the second part, we consider the initial path of meditation,

from the realization of an inner state of chaos, going through the immersion within oneself, submerging – *sich versenken*, in German –, arriving at listening to what is inside. In the third, we address the triple purpose of meditation. In Etty, the concept of meditation has a definition and a triple purpose. Meditating is turning inward, submerging in silence, listening to what is going on inside. Meditate to transform the interior scrub into a large and wide plain. Meditate so that something of God grows in us. We meditate so that a little love can grow in us, with which we can do something in our daily lives.

Keywords: Etty Hillesum. Spirituality. Meditation. God. *Diary*.

Introdução

Quando se fala sobre relatos pessoais redigidos durante a *Shoah*,¹ na Holanda, geralmente vem à mente o caso da adolescente alemã de origem judaica, Anne Frank (1929-1944). Ela permaneceu escondida com sua família no anexo secreto da empresa onde o pai trabalhava, em Amsterdam, durante dois anos, até serem encontrados pelos soldados nazistas em agosto de 1944 e deportados para Auschwitz. Anne faleceu de febre tifóide em novembro do mesmo ano, em Bergen-Belsen. Durante o período em que viveu no anexo secreto, Anne escreveu seus diários, publicados em 1947, alcançando fama mundial.

Durante o mesmo período, e mesmo um pouco antes, outra moça de origem judaica, holandesa de nascimento, escrevia seus diários em Amsterdam, Etty Hillesum (1914-1943). Como Anne, Etty seria deportada para Auschwitz. Diferentemente de Anne, porém, Etty está recém sendo descoberta. Os diários de Etty vieram a público tão somente na década de 80. De lá para cá, apareceram diversos centros de reflexão sobre os escritos e o pensamento ettianos. Mesmo assim, os estudos sobre Etty, em língua portuguesa, ainda são poucos. Seus escritos – seu *Diário* e uma série de *Cartas* – ainda não foram completamente traduzidos para a língua vernácula. Sua obra foi publicada em holandês tão somente em 1981.

¹ Termo empregado no judaísmo para se referir ao Holocausto, à perseguição e extermínio em massa do povo judeu, bem como de outras etnias e grupos sociais durante a Segunda Guerra Mundial, cometidos pelo regime nazista alemão. ‘*Shoah*’ quer dizer destruição, uma grande calamidade.

Por isso, com o objetivo de oferecer uma interpretação de um conceito que aparece nos textos ettianos, pretendemos neste artigo analisar as notas do *Diário* de Etty, escritas no dia 8 de junho de 1941. É onde apresenta uma definição de meditação e indica uma tripla finalidade. Tentamos, tanto quanto possível, relacionar essa passagem com outras do próprio *Diário* e das *Cartas*.

Para tanto, dividimos nosso texto em três partes. Na primeira, situamos o leitor em relação à biografia de Etty. Indicamos os eventos que consideramos relevantes para a compreensão da sua personalidade. A meditação de Etty ilumina e é iluminada pelos fatos de sua vida. Na segunda parte, analisamos a definição de meditação segundo Etty Hillesum. Dois conceitos são essenciais para a compreensão do que é meditar: o escutar e o mergulhar. Por fim, analisamos a finalidade da meditação, a partir das três relações que uma pessoa pode ter: consigo mesma, com os outros, com Deus.

1. Notas biográficas²

Esther Hillesum, chamada também Etty, era uma jovem judia holandesa que viveu durante parte da primeira metade do século XX. Sua vida vai desde o início da Primeira Grande Guerra Mundial e termina durante a Segunda. Ela nasceu no dia 15 de janeiro de 1914, em Middelburg, na Holanda. Seu pai se chamava Louis Hillesum (1880-1943), um erudito professor de letras clássicas. Sua mãe se chamava Rebeca Bernstein (1881-1943), uma mulher extrovertida, caótica e dominadora.³ Além de Etty, havia dois filhos mais novos: Jaap (1916-1945), que se tornou médico, e Mischa (1920-1944), um pianista promissor. Os dois irmãos apresentavam problemas psiquiátricos. Após terminar o liceu, Etty cursou direito em Amsterdam. Matriculou-se no curso de línguas eslavas em Amsterdam e Leyde, o qual foi interrompido pela Guerra. Para ganhar a vida, dava aulas particulares de russo.

A partir de 1937, Etty se tornou governanta na casa do senhor Han Wegerif (1879-1976), com quem estabeleceu um relacionamento amoroso. Permaneceu nessa casa até 1942, quando foi para o campo de Westerbork, na Holanda. Além de Etty, residiam também o filho de Han, Hans Wegerif (1919-1983), a empregada Kätthe Fransen, o estudante de bioquímica Bernard

² Para compor a biografia de Etty, nos servimos das informações contidas em: HILLESUM, E., *Les Écrits d'Etty Hillesum*, p. 15-23.

³ HILLESUM, E., *Diário 1941-1943*, p. 103-105.

Meylink e a enfermeira Maria Tuinzing. É através de Bernard que Etty conheceu o psicoquiromante Julius Spier (1887-1942). Spier era um judeu nascido em Frankfurt. Após trabalhar como gerente de banco, descobriu sua aptidão para a psicoquirologia. Mudou-se para Zurique, na Suíça, onde fez treinamento como psicanalista sob a orientação de Carl Gustav Jung, que o persuadiu a dedicar-se à psicoquirologia, ao estudo e classificação das impressões palmares. Spier chegou em 1939 em Amsterdam. Era um homem que despertava a admiração das pessoas, sobretudo das mulheres. Ele tinha talento para ler a vida das pessoas a partir das palmas das mãos e para interpretá-las a partir de uma visão psicológica.

No dia 3 de fevereiro de 1941, devido a estados depressivos constantes, Etty começou um processo de psicoterapia com Spier. Esse encontro foi decisivo. Durante o processo de autoconhecimento, Etty deu um salto qualitativo na sua vida interior. Em 8 de março de 1941, ela iniciou uma série de, pelo menos, 12 cadernos⁴ do seu *Diário*. O sétimo caderno se perdeu, bem como aquele que ela escreveu enquanto estava em Westerbork. Nesses cadernos, Etty realizou um percurso literário, mas sobretudo espiritual. Embora fosse de família judia, não era praticante, como nenhum do seu círculo familiar mais próximo. Pelo contato com Spier, também judeu, gradualmente se familiarizou com o Novo Testamento, Agostinho de Hipona, Paulo de Tarso, Tomás de Kempis, Mestre Eckhart, bem como se aprofundou em Rainer Maria Rilke e Fiódor Dostoiévski, por exemplo.

Dado o contexto de perseguição e de um cerceamento cada vez maior da liberdade de ir e vir dos judeus pelo regime nazista, o irmão Jaap aconselhou Etty a solicitar um emprego junto do Conselho Judaico, em Amsterdam. O Conselho Judaico era o órgão responsável por implementar as decisões do governo nazi, sejam elas quais fossem, na comunidade judaica de um dado país. Foi através dele que o regime nazi executou considerável parte do seu

⁴ A série dos 12 cadernos do *Diário* de Etty possui a seguinte cronologia: (a) Caderno 1: escrito do dia 8 de março de 1941 a 4 de julho de 1941; (b) Caderno 2: escrito do dia 4 de agosto de 1941 a 21 de outubro de 1941; (c) Caderno 3: escrito do dia 21 de outubro de 1941 a 6 de dezembro de 1941; (d) Caderno 4: escrito do dia 8 de dezembro de 1941 a 25 de janeiro de 1942; (e) Caderno 5: escrito do dia 16 de fevereiro de 1942 a 27 de março de 1942; (f) Caderno 6: escrito do dia 27 de março de 1942 a 30 de abril de 1942; (g) Caderno 7: perdido; (h) Caderno 8: escrito do dia 18 de maio de 1942 a 05 de junho de 1942; (i) Caderno 9: escrito do dia 5 de junho de 1942 a 3 de julho de 1942; (j) Caderno 10: escrito do dia 3 de julho de 1942 a 29 de julho de 1942; (k) Caderno 11: escrito do dia 15 de setembro de 1942 a 13 de outubro de 1942; (l) Caderno 12: perdido.

projeto de prisão e, posteriormente, de extermínio em massa dos judeus. Etty foi contratada pelo Conselho e trabalhou como datilógrafa desde o dia 15 de julho de 1942 até o dia 30 de julho do mesmo ano, quando pediu para acompanhar no campo de trânsito de Westerbork,⁵ na condição de serviço de ajuda social, os primeiros grupos de judeus antes de serem colocados no transporte e enviados para outros campos.

No campo, Etty trabalhava na enfermaria e dava apoio espiritual aos internos, bem como os ajudava no momento do transporte, que partia às terças-feiras. Por estar em Westerbork como membro do Conselho Judaico, ela obteve licenças para voltar a Amsterdam, sobretudo quando se encontrava doente.⁶ No dia 6 de junho de 1943, os membros do Conselho Judaico perderam suas prerrogativas no campo. Parte voltou para Amsterdam, parte ficou retida em Westerbork, como os demais prisioneiros. Etty estava no segundo grupo. Entre 20 e 21 de junho de 1943, na grande caçada aos judeus pela Holanda, os pais de Etty e Mischa foram enviados para Westerbork. No dia 7 de setembro de 1943, os quatro foram colocados no transporte, rumo a Auschwitz. Os pais faleceram durante a viagem ou logo na chegada. Etty teria morrido na câmara de gás no dia 10 de setembro de 1943.⁷ A Cruz Vermelha, porém, afirma que sua morte se deu no dia 30 de novembro de 1943, aos 29 anos. Mischa, por

⁵ O campo de Westerbork não era campo de extermínio, mas de trânsito. Estava situado na província neerlandesa de Drenthe, no noroeste do país, perto da fronteira com a Alemanha. Na época, Drenthe era a província mais pobre da Holanda e também a menos habitada. O campo foi criado em 1939, para receber os refugiados judeus vindos da Alemanha ou de outros países onde eram ameaçados. Assim, Westerbork era um campo de trânsito, mas cuja finalidade era inserir os refugiados na comunidade local holandesa. A partir de 1942, Westerbork passou para a tutela alemã, que o tornou um “campo de trânsito policial” (“camps de transit policier”). No entanto, em vez de inserir os judeus na Holanda, agora eles passaram a ser enviados de Westerbork para o Leste, para os campos de extermínio, como Auschwitz e Sobibor, em decorrência da chamada “Solução Final”. Assim, o primeiro “transporte” para os campos de extermínio partiu no dia 15 de julho de 1942. Seriam 92 transportes ao todo, cada um carregado por aproximadamente mil pessoas. O último transporte deixou o campo no dia 13 de setembro de 1944. Ver mais informações em: GERMAIN, S., *Etty Hillesum*, p. 75-82. Atualmente, o Campo de Westerbork é um Centro de Memória, que recebe visitas locais. É possível conhecê-lo através do seu sítio oficial: <https://kampwesterbork.nl/>.

⁶ Etty se ausentou do campo de Westerbork por, pelo menos, três vezes. A última foi a mais longa: exatamente 6 meses. As saídas foram para tratamento de saúde. O tempo em que ela permaneceu em Westerbork foi: de 30 de julho de 1942 até aproximadamente 14 de agosto de 1942; de 21 de agosto de 1942 até 4 de setembro de 1942; de 20 de novembro de 1942 até 5 de dezembro de 1942; e de 5 de junho de 1943 até 7 de setembro de 1943, quando foi deportada com sua família para a Polônia.

⁷ SMELIK, K., *Biographie d’Etty Hillesum (1914-1943)*, p. 22.

sua vez, faleceu no dia 31 de março de 1944. Jaap foi enviado para Westerbork em setembro de 1943. No ano seguinte foi deportado para Bergen-Belsen, na Alemanha. Morreu em abril de 1945, durante a evacuação do campo.

Antes de ir para o campo de Westerbork, Etty confiou seus cadernos à sua amiga Maria Tuinzing, a fim de que pudesse encaminhá-los a algum editor para publicação. Após o final da Guerra, entre 1946 e 1947, Maria os enviou para Klaas Smelik. No entanto, nenhuma editora demonstrou interesse em publicá-los.⁸ Em 1979, o filho de Smelik, Klaas A. D. Smelik entrou em contato com o editor J. G. Gaarlandt, que decidiu publicar parte do *Diário* de Etty. Assim, em 1981, foi publicada na Holanda uma seleção de textos, chamada *Uma Vida Interrompida* e, no ano seguinte, as cartas⁹ de Westerbork. A edição integral¹⁰ dos escritos ettianos – *Diário* e *Cartas* – foi publicada pela primeira vez em 1986. À cada reedição, aparecem uma e outra carta, que são publicadas em apêndice.

2. Do caos à escuta

Etty começa seu *Diário* em 8 de março de 1941, um sábado, com uma carta a Spier. No dia seguinte, escreve, exprimindo a dificuldade de redigir o

⁸ Etty teve duas cartas publicadas ainda em vida. Trata-se das *Cartas 23 e 64*, ambas publicadas em um mesmo volume no ano de 1943. Elas narram a vida no campo de Westerbork. Uma nota à *Carta 23* traz a seguinte informação: “Esta carta foi, em conjunto com a carta 64, publicada ilegalmente no Outono de 1943, numa tiragem de cem exemplares, sob o título: *Drie brieven van den kunstschilder Johannes Baptiste van der Pluym* (1843-1912) (*Três cartas do pintor Johannes Baptiste van der Pluym*), com duas reproduções; publicada por e com introdução da Sra. A. C. G. Botterman-v.d.Plym, Apeldoorn, 1917. O jornalista David Koning (Amsterdão, 1920-Laren, 1970) e a redação dos jornais *De Vrije Katheder* e *De Patriot* foram responsáveis por esta edição aparentemente inocente. As cartas foram facultadas a Koning - através de um intermediário - por Petra Eldering, amiga de Etty, ligada à redação do *De Vrije Katheder*. As cartas foram levadas, impressas e encadernadas pelos irmãos Nooy, de Purmerend. Estes não só fizeram um trabalho de pouca qualidade, como terão tido por vezes problemas a decifrar a caligrafia, como testemunham as muitas pequenas e grandes diferenças que algumas das versões escritas à máquina - as cartas escritas à mão perderam-se - mostram em relação ao texto impresso. Além disso, na versão publicada, alguns nomes foram deliberadamente apagados” (HILLESUM, E., *Cartas 1941-1943*, p. 75, n. 1).

⁹ Há uma edição portuguesa de todas as cartas de Etty, publicada pela editora Assírio & Alvim, em 2009.

¹⁰ Não há edição integral do *Diário* de Etty em língua portuguesa. Além do texto em holandês, tenho conhecimento de uma edição integral em inglês, italiano, espanhol e francês. Quanto às edições parciais em língua portuguesa, tenho conhecimento da Record (1984), da Áyiné (2020), edições brasileiras, e da Assírio & Alvim (2020), edição portuguesa.

que vai no seu interior. Com frequência manifesta ser um desafio escrever sobre si mesma, sobre o estar em contato consigo mesma,¹¹ a tal ponto que a escrita em Etty se converte em processo de libertação, crescimento e compreensão de si. O início desse processo, porém, continua exigente. Escreve ela no início do *Diário*:

Vai ser um momento doloroso e difícil de ultrapassar para mim: confiar o meu ânimo reprimido a um insignificante pedaço de papel quadriculado. Os pensamentos são por vezes muito nítidos e claros na minha mente, os sentimentos extremamente profundos, é porém difícil conseguir escrevê-los.¹²

Nos primeiros meses de 1941, a presença de Julius Spier é constante no *Diário* de Etty. Spier é seu terapeuta. Aos poucos se tornam amigos e, depois, amantes. Etty se torna sua secretária, sua “secretária russa”,¹³ segundo ele. É uma relação que se torna clara somente quando Spier falece, em setembro de 1942. Etty, então, o define como o intermediário¹⁴ entre ela e Deus. No entanto, no início de 1941, essa percepção ainda está distante.

O objetivo de Etty no processo terapêutico com Spier é colocar ordem no que ela chama de seu caos interior: “ele iria pôr o meu caos interior em ordem, dominar as forças contraditórias que habitam o meu íntimo”.¹⁵ O que seria esse caos interior? Encontramos uma resposta ainda em março de 1941. Escreve Etty: “parecia e queria algo e não sabia o quê. Por dentro é novamente uma procura, um desassossego e uma agitação totais. E a cabeça outra vez extremamente tensa”.¹⁶ Não se trata de (apenas) uma indisposição física. A inquietação de Etty é de nível psíquico e espiritual.

¹¹ HILLESUM, E., *Diário 1941-1943*, p. 79.

¹² HILLESUM, E., *Diário 1941-1943*, p. 59.

¹³ HILLESUM, E., *Diário 1941-1943*, p. 157.

¹⁴ Escreve Etty: “Ainda tinha mil coisas para te perguntar e para aprender contigo, agora vou ter de fazer tudo sozinha. Sinto-me muito forte, sabes, sei que a minha vida se vai compor. Estas forças à minha disposição foste tu que as libertaste. Ensinaste-me a pronunciar o nome de Deus sem reservas. Foste o intermediário entre Deus e mim, e agora, tu, o intermediário, partiste e o meu caminho conduz em linha recta a Deus. Está bem assim, sinto-o. E, por minha vez, serei eu a intermediária para todos os outros que conseguir alcançar” (HILLESUM, E., *Diário 1941-1943*, p. 283).

¹⁵ HILLESUM, E., *Diário 1941-1943*, p. 63.

¹⁶ HILLESUM, E., *Diário 1941-1943*, p. 79.

O caos interior ao qual Etty se refere recebe outras expressões. O caos traz consigo a ideia de cosmos; a desordem, a ordem. Na desordem, nada se vê nem se entende com clareza: nem a si mesmo, nem aos outros, nem a Deus. Etty emprega uma imagem para se referir à sua desordem interior: “dentro de mim há um poço muito fundo. E lá dentro está Deus. Às vezes consigo lá chegar. Mas acontece mais frequentemente haver pedras e cascalhos no poço, e aí Deus está soterrado. Então é preciso desenterrá-lo”.¹⁷ O caos interior é representado pelas imagens das pedras e do cascalho que soterram Deus dentro de si. As pedras e cascalhos são imagens para significar tudo o que impede o ser humano de se relacionar com Deus, desde as pequenas preocupações do dia a dia, passando pelas angústias e tristezas, pelos barulhos interiores e exteriores, pelas alienações ou o que quer que seja. Pedras e cascalhos são ideais para estarem como pavimento de uma estrada, não dentro de um poço, pois impediriam ao sedento de saciar a própria sede, fazendo-o definhar.¹⁸ Assim, colocar-se em ordem é situar as coisas nos seus devidos lugares, inclusive as pedras e os cascalhos. É desenterrar o Deus soterrado que habita no poço interior.

Como ordenar o caos interior? Etty, aos poucos, desenvolve novos hábitos, sobretudo na parte da manhã, assim que acorda. No dia 16 de março de 1941, escreve: “as minhas prioridades de vida mudaram um pouco: ‘Antigamente’ começava por ler de preferência Dostoievski ou Hegel em jejum, e nos momentos em que estava mais nervosa e sem mais nada para fazer, remendava uma meia de vez em quando, se não tinha alternativa”.¹⁹ A partir daquele momento, Etty muda suas prioridades: “agora começo, no sentido mais literal da palavra, com a meia e continuo com as outras ocupações necessárias ao longo do dia, até atingir o topo, onde reencontro os poetas e os pensadores”.²⁰ Começa também a fazer caminhadas.

Etty fica sem nada escrever no *Diário* durante o mês de abril. A última nota de março data do dia 25. O próximo registro será dia 8 de maio, onde

¹⁷ HILLESUM, E., *Diário 1941-1943*, p. 112.

¹⁸ Se dentro de Etty existe um poço-residência, esse mesmo poço-residência se encontra em todo ser humano. Há um Deus soterrado em cada pessoa: “Gosto imenso das pessoas, porque em cada uma amo um pedaço de ti, meu Deus. E procuro-te por toda a parte nas pessoas e, muitas vezes, acho um bocadinho de ti. E tento desenterrar-te nos corações dos outros, meu Deus” (HILLESUM, E., *Diário 1941-1943*, p. 280).

¹⁹ HILLESUM, E., *Diário 1941-1943*, p. 72.

²⁰ HILLESUM, E., *Diário 1941-1943*, p. 72.

diz estar em busca de uma “fórmula redentora, um pensamento ordenador”.²¹ Novamente fica um mês sem escrever.

Na próxima nota, no dia 8 de junho de 1941, Etty retoma seus hábitos a fim de se ordenar interiormente. Nesse dia, aparece um elemento novo para sua vida espiritual. Cada manhã, bem cedo, ela dedica uma hora cheia ao cuidado de si mesma: meia hora de exercícios físicos e meia hora de exercícios espirituais. Em duas palavras: ginástica e meditação. Escreve Etty:

Acredito que é isso que vou fazer: de manhã, antes de começar o trabalho, passar meia hora “para dentro”, a escutar o que está dentro de mim. “Submergir-me”. Também se pode chamar a isso meditar. Mas essa palavra ainda me atemoriza um pouco. Mas sinceramente por que não? Uma meia hora em silêncio dentro de si. Não chega somente mover os braços e as pernas e todos os outros músculos, de manhã na casa de banho. O ser humano é corpo e alma. E assim, uma meia hora de ginástica e uma meia hora de “meditação” podem formar em conjunto uma larga base de calma e concentração para o dia inteiro.²²

Para Etty, o ato de meditar tem quatro elementos: (i) passar para dentro; (ii) escutar o que está dentro; (iii) submergir-se; (iv) estar em silêncio dentro de si. Esses elementos têm em comum a referência ao interior. O meditar se dá dentro de si. Começa com o ir para dentro. A edição espanhola traz a expressão “meterme en mi interior”.²³ A edição brasileira traz: “virar para dentro”.²⁴ O primeiro passo para meditar é ir para dentro de si mesmo. Isso demanda uma preparação exterior e interior, um breve ritual. O entorno deve favorecer, de alguma maneira, a meditação. O corpo também precisa estar em uma posição adequada, de forma que seja simbólica para o meditar. Silencia-se fora e também dentro.

Em seguida, se escuta o que há dentro. Para escutar, é preciso silêncio dentro de si. Os itens (ii) e (iii) se relacionam diretamente. Um depende do outro. A escuta interior se dá no silêncio. Esse silêncio é, inicialmente, exterior. Etty tem um ritual para meditar. Um dos lugares usuais para a meditação de Etty é o banheiro, ajoelhada sob um tapete de coco.

Etty chama em alguns momentos a si mesma como “a moça que não

²¹ HILLESUM, E., *Diário 1941-1943*, p. 87.

²² HILLESUM, E., *Diário 1941-1943*, p. 89.

²³ HILLESUM, E., *Uma Vida Conmocionada*, p. 24.

²⁴ HILLESUM, E., *Uma Vida Interrompida*, p. 39.

sabia se ajoelhar”²⁵. Isso porque de não-crente passa, aos poucos, a um diálogo ininterrupto com Deus,²⁶ por meio do ajoelhar-se em oração. Para ela, o ajoelhar-se é um gesto de profunda reverência a Deus. Assim como o meditar é um processo a ser adquirido, aprendido, do mesmo modo o gesto de se ajoelhar também deve ser aprendido. O gesto de estar de joelhos desempenha um papel relevante no percurso interior de Etty. Ela escreve:

Ontem à noite, pouco antes de me ir deitar, dei por mim de repente ajoelhada na alcatifa, no meio desta sala grande, por entre as cadeiras de metal. Assim sem mais nem menos. Puxada para o chão por algo mais

²⁵ Em referência a uma novela intitulada “A moça que não podia ajoelhar-se” (HILLESUM, E., Diário 1941-1943, p. 133).

²⁶ Podemos fazer uma tripla distinção em relação ao diálogo com Deus em Etty. Inicialmente, Etty fala “de” Deus, que se mantém alguém distante. Em seguida, ela fala “para” Deus. A relação é ainda de mão única. Fala-se a Deus. Deus, no entanto, permanece distante. Por fim, Etty fala “com” Deus, num diálogo contínuo. Etty fala a Deus. Deus fala a Etty. Em uma carta a Tide, Etty escreve uma oração onde fala desse diálogo ininterrupto, o qual citamos: “Deus meu, fizeste-e tão rica, deixai-me, por favor, partilhar generosamente essa riqueza. *A minha vida tornou-se um diálogo ininterrupto Contigo, meu Deus, um grande diálogo.* Quando estou em algum canto do campo, de pés plantados na Tua terra, os olhos levantados para o Teu céu, há alturas em que me correm lágrimas pelas faces, brotadas de uma comoção e gratidão interiores, que procuram uma saída. Do mesmo modo, à noite, quando estou deitada e descanso em Ti, meu Deus, as lágrimas de gratidão correm-me, por vezes, pelo rosto, e isso é também a minha prece. [...] Não me revoltou contra Ti, meu Deus, *a minha vida é um diálogo ininterrupto Contigo.* Talvez nunca venha a tornar-me a grande artista que, na verdade, gostaria de ser, mas já estou demasiado protegida em Ti, meu Deus. Por vezes, gostaria de registrar pequenas sabedorias e relatos vibrantes, mas volto sempre à mesma palavra - Deus - que compreende tudo, pelo que nada mais necessito de dizer. E *toda a minha força criativa se converte em diálogos interiores Contigo*, o bater do meu coração tornou-se aqui mais amplo e agitado e tranquilo ao mesmo tempo, e é como se a minha riqueza interior crescesse cada vez mais...” (HILLESUM, E., Cartas 1941-1943, p. 200-201, grifo meu). A carta se situa em 18 de agosto de 1943, no campo de Westerbork. Em menos de um mês Etty é assassinada em Auschwitz. A carta se divide em quatro partes. Na primeira, Etty lembra que essa carta é resultado do seu “dia de escrita”, dia que se permite aos judeus que escrevam alguma correspondência que poderá ser despachada a partir do campo. Apesar do cansaço terrível, Etty lança mão da oportunidade para dar notícias suas. A segunda parte é a oração citada. Há uma detalhe sobre a oração: ela está escrita inicialmente no *Diário* e depois transcrita para a carta a Tide. Quando vamos para os cadernos do *Diário*, a fim de encontrar essa oração, não temos os registros desses últimos dias de Etty em Westerbork. Portanto, há boas razões para afirmar que Etty manteve seu *Diário* no campo e o levou consigo para a Polônia, onde se perdeu. Na terceira parte, Etty menciona um certo Jul. É provável que esteja se referindo a Julius Spier, já que esse Jul “continua a ensinar-me diariamente”. Na quarta parte, Etty nomeia alguns dos objetos que estão consigo no campo: o retrato da amiga Tide, o retrato de Jul, que estão dentro do *Livro de Horas*, de Rilke, e uma pequena Bíblia.

forte do que eu. Algum tempo atrás, tinha dito para mim mesma: “Vou exercitar-me a ajoelhar”. Ainda tinha demasiada vergonha desse gesto que é tão íntimo como os gestos amorosos, acerca dos quais ninguém consegue falar a não ser que seja um poeta.²⁷

O ato de ajoelhar-se não faz parte da simbologia própria da tradição judaica.²⁸ É um gesto que aparece noutras tradições, como no cristinianismo, com o qual Etty tomou conhecimento através de sua amiga Henny Tideman, chamada Tide,²⁹ e mesmo através de Spier,³⁰ embora este fosse judeu. Ajoelhar-se é uma das maneiras pelas quais Etty faz-se presente a si mesma, faz-se presente a Deus. O colocar-se de joelhos é um processo difícil e constrangedor no início,³¹ mas que vai se tornando uma parte necessária do seu percurso, a

²⁷ HILLESUM, E., Diário 1941-1943, p. 155.

²⁸ Acredito que uma das razões pelas quais o colocar-se de joelhos não faz parte da simbologia judaica se encontre no relato bíblico do livro de Ester. No texto bíblico, Mardoqueu se recusa a se ajoelhar diante de Amã, fazendo com que o rei Assuero, por meio de Amã, decreta a destruição dos judeus (Est 3,1-6). Mais adiante, em oração a Iahweh, Mardoqueu justifica sua atitude: “Tu sabes tudo! Sabes, Senhor, que nem arrogância, nem orgulho, nem vaidade me levaram a fazer o que faço: recusar-me a me prostrar diante do orgulhoso Amã. De boa vontade eu lhe beijaria a planta dos pés para a salvação de Israel. Mas o que eu fiz, era para não colocar a glória de um homem, acima da glória de Deus; e *não me prostrarei diante de ninguém, a não ser diante de ti, Senhor*, e não o faço por orgulho” (Est 4,17d-17e; grifo meu). Seguindo o raciocínio de Mardoqueu, o judeu deve se ajoelhar tão somente diante de Iahweh. Ora, o lugar onde Iahweh residia era o Templo em Jerusalém. Portanto, o único lugar permitido ao judeu para ajoelhar-se e prostrar-se. No entanto, o Templo foi destruído em 587/586 a.C., por Nabucodonosor, e em 70 d.C., pelas tropas de Tito. Não há mais o lugar onde Iahweh reside. Por isso, não há mais onde ajoelhar-se e prostrar-se. Logo, o gesto de ajoelhar-se não faz mais sentido na tradição judaica.

²⁹ HILLESUM, E., Les Écrits d’Etty Hillesum, p. 168: “Puis, ce soir [l’étude des] doigts chez Tide. Elle ne remonte qu’à une semaine, cette conversation où elle m’a dit: ‘En cela aussi je suis comme un enfant, *quand je ne sais pas comment agir; je tombe à genoux en plein milieu de ma chambre et je le demande à Dieu*’” (grifo meu). Os trechos citados nas notas 30 e 31 estão ausentes das edições em língua portuguesa, que trazem o texto parcial dos escritos de Etty, como mencionado na nota 10. Por essa razão, tivemos que nos servir de uma edição integral, no caso, a francesa.

³⁰ HILLESUM, E., Les Écrits d’Etty Hillesum, p. 756: “Je me crois capable de tout supporter, de tout assumer de cette vie et de cette époque. Et si les turbulences sont trop fortes, si je ne sais plus comment m’en sortir, il me restera toujours deux mains à joindre et un genou à fléchir. C’est un geste que nous ne nous sommes pas transmis de génération en génération, nous autres juifs. J’ai eu du mal à l’apprendre. *C’est l’héritage le plus précieux de l’homme dont j’ai déjà presque oublié le nom, mais dont la meilleure part prolonge sa vie en moi*” (grifo meu). Esse homem seria Julius Spier, falecido há menos de um mês antes desse registro ser escrito.

³¹ HILLESUM, E., Diário 1941-1943, p. 158: “‘Da rapariga que não conseguia ajoelhar-se’.

tal ponto que Etty sente que algo ou alguém a impele a colocar-se de joelhos. Além disso, a referência ao tapete de coco³² aparece algumas vezes ao longo do *Diário*, quase a ponto de se tornar um local sagrado, porque ali se ajoelha e se encontra com Deus.

O item (iii) como que resume a meditação para Etty: submergir-se. O termo empregado no *Diário*, em alemão, é “*sich versenken*”, que podemos traduzir por mergulhar, afundar ou submergir. Portanto, meditar é mergulhar em silêncio dentro de si, para escutar a voz interior. Não se trata de, em silêncio, tentar se libertar de todos os pensamentos e sentimentos, a fim de se chegar à *ataraxia*. Não se trata de fugir deles, mas de neles mergulhar, ouvindo-os. Todo esse exercício tem uma finalidade: passar do caos para o cosmos interior. Mergulha-se para retirar de dentro as pedras e cascalhos, os pedregulhos que impedem o crescimento espiritual na relação consigo mesmo, com os outros, com Deus. Prossegue Etty:

Não é tão simples como isso: uma “hora silenciosa” assim. Isso requer aprendizagem. Toda a pequena tralha humana e todas as superficialidades teriam de ser eliminadas lá dentro. No final de contas há sempre um monte de desassossego em vão, numa cabecinha destas. Sentimentos e pensamentos de abertura e libertação também existem, mas a tralha está sempre à mistura.³³

Etty define a meditação como o mergulhar dentro de si, para se ouvir e se colocar em ordem, passar do caos para o cosmos. Dentro de si pode haver tralhas e superficialidades. Lugar de tralhas não é dentro de si. A meditação ajuda no processo de limpeza interior, ao devolver cada coisa ao seu devido lugar. Pensemos na imagem do poço, citada acima. Há pedras e cascalhos na boca do poço, impedindo o acesso e encontro com Deus. A meditação, como uma limpeza interior, é a oportunidade de reconstruir essa vida para se achegar ao divino. Meditar é um exercício. Deve ser aprendido e praticado. É um exercício espiritual que precisa ser realizado com frequência.

Esta manhã, na penumbra cinzenta, lutando contra a insatisfação, encontrei-me repentinamente no chão, ajoelhada entre a cama desfeita do Han e a minha máquina de escrever, encolhida, a cabeça tocando o chão. Porventura um gesto de querer forçar a paz. E quando o Han entrou e olhou um pouco admirado para essa cena, eu disse-lhe que andava à procura de um botão. Mas esta última parte não era verdade”.

³² HILLESUM, E., *Diário 1941-1943*, p. 137, 149, 286-287.

³³ HILLESUM, E., *Diário 1941-1943*, p. 89.

Do que dissemos, parece que a meditação ettiana é uma atividade que se faz em si, consigo e para si, o que resultaria em uma espécie de ensimesmamento, de solipsismo. Ou, no máximo, a meditação serviria para melhorar a própria relação com Deus. Em Etty, esse raciocínio é equivocados. Uma das finalidades da meditação visa o outro. É através do crescimento espiritual que Etty será capaz de, em vez de entrar na clandestinidade, abraçar o destino coletivo do povo judeu, pedindo para ir a Westerbork e, como consequência, ser deportada para a Polônia.

3. Finalidades da meditação

Na parte final do registro do dia 8 de junho de 1941, Etty explicita a finalidade da meditação. Citamos o trecho:

E é precisamente esse o objectivo dessa meditação: que, por dentro, uma pessoa se torne uma planície grande e ampla, sem o matagal manhoso, que esconde a vista. Que portanto alguma coisa de “Deus” penetre em ti, tal como existe algo de “Deus” na *Nona* de Beethoven. Que alguma coisa de “Amor” penetre em ti, não um amor de luxo de meia hora, onde te delicias a flutuar orgulhosa dos teus próprios elevados sentimentos, mas amor, com o qual podes fazer algo no banal dia-a-dia.³⁴ (grifo da autora)

É possível identificar três finalidades para a meditação em Etty. Medita-se (i) para converter-se por dentro em uma planície grande e ampla, sem o matagal rasteiro que esconde a visão; (ii) para que algo de Deus cresça por dentro; (iii) para que cresça algo de amor, com que se pode dedicar às coisas pequenas de cada dia.

A meditação serve para pôr ordem no caos interior: passar de vegetação/matagal rasteiro para uma planície. De que se trata essas imagens de matagal e planície? Esse par aparece no início do *Diário*, em ao menos dois momentos. Em 4 de julho, por exemplo, ao falar das planícies interiores, Etty escreve: “Em Deventer os dias eram grandes planícies soalheiras, cada dia era um grande todo intacto com Deus e com toda a humanidade, provavelmente porque quase não via uma única pessoa”.³⁵ Dias antes, ao identificar seus matagais interiores, afirma:

³⁴ HILLESUM, E., *Diário 1941-1943*, p. 89-90.

³⁵ HILLESUM, E., *Diário 1941-1943*, p. 96.

Está outra vez tudo a dar para o torto. Parecia e queria algo e não sabia o quê. Por dentro é novamente uma procura, um desassossego e uma agitação totais. E a cabeça outra vez extremamente tensa. Lembro-me com uma certa inveja dos dois últimos domingos: os dias encontravam-se à minha frente como planícies abertas e vastas, eu podia caminhar nessas planícies, e os dias eram largos e sem obstáculos à vista. E agora encontro-me novamente no meio do matagal.³⁶

O matagal é uma imagem para se referir a um estado de espírito caótico, ao caos interior, onde não se distingue nada por dentro, nada se vê no interior. É justamente o momento em que predomina a presença desordenada da tralha interna, de superficialidades e coisas insignificantes que precisam ser varridos para fora. Planície, por outro lado, é uma imagem para se referir a um estado de espírito ordenado, onde se consegue distinguir o que ocorre dentro de si. Trata-se de um estado interior tranquilo e equilibrado. Para Etty, então, é possível passar do matagal interior para a planície interior. Isso se dá através da meditação, do mergulhar dentro de si e escutar a si próprio. Nesta finalidade, a meditação tem como fim o próprio eu. Meditar é colocar-se em ordem.

A meditação serve para que cresça algo de Deus dentro de si. Deseja-se o aumento da vida divina. Ora, medita-se para que Deus cresça, não para que ele nasça. Se é para Deus crescer, é porque ele já está lá, de algum modo. Deus habita também o interior do ser humano. Essa linguagem de interioridade, Etty a toma de Agostinho de Hipona,³⁷ cujos escritos chegam a seu conhecimento por meio de Spier. Corre-se o risco de ver nisso alguma forma de alienação. No entanto, Etty é consciente do que está acontecendo ao seu redor. Sabe da perseguição contra os judeus, sabe que muitas pessoas estão morrendo e muitas outras morrerão. “Estamos a ser perseguidos de morte por toda a Europa”,³⁸ escreve ela. Sabe que o mundo vive a Guerra. Sabe também que pouca coisa ela própria pode fazer. Judeus são perseguidos. Deus parece impotente diante do horror e do sofrimento. Uma das reações de Etty aparece em 12 de julho de 1942, um mês conturbado no *Diário*. Assim escreve:

³⁶ HILLESUM, E., *Diário 1941-1943*, p. 79.

³⁷ Escreve Etty: “Vou voltar a ler o Santo Agostinho. É tão severo e inflamado. E tão apaixonado e cheio de pura entrega nas suas cartas de adoração a Deus. Francamente, essas são as únicas cartas de amor que deviam escrever-se: as dirigidas a Deus” (HILLESUM, E., *Diário 1941-1943*, p. 328).

³⁸ HILLESUM, E., *Cartas 1941-1943*, p. 219.

Vou te ajudar, meu Deus, a não te apagues em mim, mas nada posso garantir antecipadamente. Uma coisa, no entanto, se me torna cada vez mais clara: não é tu que podes nos ajudar, mas nós é que podemos te ajudar – e, fazendo isso, nós nos ajudamos a nós mesmos. É tudo o que nos é possível de salvar nesta época e é também a única coisa que conta: um pouco de ti em nós, meu Deus. Talvez poderemos também contribuir para te revelar nos corações martirizados dos outros. Sim, meu Deus, tu pareces bastante incapaz de modificar uma situação que é inseparável desta vida. Não te peço conta disso, ao contrário, és tu que nos chamas a prestar contas, um dia. Torna-se-me cada vez mais claro, quase a cada batida do meu coração, que tu não podes nos ajudar, mas é nós que temos que te ajudar e defender até o fim a morada que te abriga em nós.³⁹

Ajudar Deus a nos ajudar, insiste Etty, a defender a habitação divina que existe dentro de cada um, essa pequena parte de Deus em nós.⁴⁰ Para que isso seja possível, antes de tudo é preciso pressupor que Deus esteja dentro de cada pessoa e que ali Ele pode crescer ou não, de acordo com o que cada um decide fazer com essa fagulha divina. Em todo caso, o que distingue essa passagem com a segunda finalidade da meditação é a presença do outro, dos outros. Medita-se não apenas para colocar ordem dentro de si, medita-se também para que cresça ali algo de Deus. Mas isso ainda não é suficiente. É preciso levar em consideração a presença do outro, onde também Deus habita e ali precisa crescer. Dois meses depois, Etty escreve: “Gosto imenso das pessoas, porque

³⁹ HILLESUM, E., *Les Écrits d’Etty Hillesum*, p. 679-680.

⁴⁰ Em uma passagem do seu *Diário*, Etty se serve da imagem do jasmineiro destruído pela chuva, a fim de mostrar que, apesar das situações externas, há um jasmineiro florido dentro de si, que perfuma a casa onde Deus habita. Citamos Etty: “O jasmim nas traseiras da minha casa encontra-se agora completamente destruído pelas chuvaradas e temporais dos últimos dias. As suas florzinhas brancas bóiam dispersas nas lamacentas poças negras do telhado raso da garagem. Mas, algures em mim, esse jasmim continua a florir sem impedimentos, tão exuberante e delicado como sempre floriu. E espalha os odores pela casa onde habitas, meu Deus. Como vês, trato bem de ti. Não te trago somente as minhas lágrimas e pressentimentos temerosos, até te trago, nesta tempestuosa e parda manhã de domingo, jasmim perfumado. E hei-de trazer-te todas as flores que encontre pelo caminho, meu Deus, e a sério que são muitas. Hás-de ficar sinceramente tão bem instalado em minha casa quanto é possível. E já agora para te dar um exemplo ao acaso, se eu estivesse encerrada numa cela acanhada e numa nuvem passasse ao longo da minha janela gradeada, então eu iria trazer-te essa nuvem, meu Deus, se pelo menos ainda tivesse forças para isso. Não posso prometer nada antecipadamente, mas as intenções são óptimas, há-de notar” (HILLESUM, E., *Diário 1941-1943*, p. 253).

em cada uma amo um pedaço de ti, meu Deus. E procuro-te por toda a parte nas pessoas e, muitas vezes, acho um bocadinho de ti. E tento desenterrar-te nos corações dos outros, meu Deus”.⁴¹

Por fim, a meditação ainda serve para que surja algo de amor. É compreensível dizer que Deus habita no interior de cada pessoa, se essa pessoa é crente. Mas é para aqueles a quem Deus não faz sentido? Ora, o amor é universal. Medita-se, então, para que o amor interior cresça. Falar de amor permite a Etty considerar a alteridade como uma finalidade da meditação. Não se trata de um exercício de ensimesmamento ou de uma atividade solipsista, de um amor de luxo, no qual alguém se delicia a flutuar orgulhoso pelos próprios elevados sentimentos, mas de uma ação que visa o encontro com o Outro e com o outro.

Em Etty, o meditar impulsiona a pessoa para fora de si mesma. Ao amor de luxo, Etty propõe o amor de ação. Deseja-se um amor que esteja nas pequenas ações cotidianas. É esse amor de ação, que visa o outro, que vai permitir que Etty se apresente voluntariamente para acompanhar os primeiros grupos de judeus enviados para Westerbork e a expressar em uma de suas vindas para Amsterdam: “estes dois meses entre arame farpado, que foram os meus meses mais intensos e ricos, que foram uma confirmação enorme dos derradeiros e mais altos valores da minha vida. Apaixonei-me tanto por esse Westerbork e tenho *saudades* de lá”.⁴² No campo, Etty auxilia na precária enfermaria, visitando, ouvindo, oferecendo uma palavra a quem busca, o que for preciso.⁴³ Ela se torna a conclusão do

⁴¹ HILLESUM, E., Diário 1941-1943, p. 280.

⁴² HILLESUM, E., Diário 1941-1943, p. 291, grifo da autora.

⁴³ Etty escreve uma longa carta em 24 de agosto de 1943, dias antes de ser ela própria deportada e assassinada. Na carta, narra em pormenores da véspera de um transporte para fora da Holanda, a ansiedade, o desespero e a pressão psicológica que passam os que encontram o nome na lista dos que devem se apresentar para o próximo transporte de terça-feira. Ali é possível identificar seu comportamento para tentar ajudar os que deveriam embarcar. Citamos um trecho: “Nessa tarde, fiz, uma vez mais, a ronda pelo meu barracão-hospital, indo de cama em cama. Quais as que ficariam vazias no dia seguinte? As listas de transporte nunca são reveladas senão no último momento; ainda assim, alguns sabem antecipadamente se terão de partir. Uma menina chama-me. Está sentada na cama, muito direita, de olhos arregalados. A menina tem pulsos finos e um rostinho estreito e transparente. Está parcialmente paralisada, começava justamente a reaprender a andar, apoiando-se a duas enfermeiras, passo a passo. “Já sabe? Tenho de ir”, diz-me, sussurrando. “Como? Tu tens de ir?” Olhamos por momentos uma para a outra, incapazes de falar. O seu rosto como que desapareceu; ela é apenas olhos. Então, volta a falar, com uma vozinha monocórdica e abafada: “Que pena que tudo o que aprendemos na vida tenha sido em vão, não acha?” E “É tão difícil morrer, não é?” Subitamente, a expressão rígida forçada da

seu *Diário*: “gostaria de ser um bálsamo para muitas feridas”.⁴⁴ O amor de ação faz de Etty um bálsamo.

Conclusão

Cardeal Tolentino, no prefácio à edição portuguesa do *Diário* de Etty Hillesum, define o caminho espiritual dela como “uma das aventuras literárias e espirituais mais significativas do século”.⁴⁵ No seu *Diário*, Etty vai além de um relato histórico das agruras da Segunda Guerra Mundial e da perseguição nazista aos judeus e demais grupos. Na realidade, a história é o pano de fundo do seu relato, mas não o seu fio condutor. O que une as centenas de páginas da série de cadernos do *Diário* é a busca pela liberdade interior. Etty quer ser livre. A partir disso se compreende, por exemplo, o papel de Julius Spier, o terapeuta, que de amante se torna um intermediário. Compreende-se o contínuo autoconhecimento de Etty. Compreende-se a maneira como ela passa a enxergar toda a humanidade e cada ser humano, em especial. Compreende-se o papel que Deus vai assumindo em todo esse processo.

A meditação desempenha papel decisivo no caminhar espiritual de Etty, tal como vemos na formulação no dia 8 de junho de 1941. Etty sente a necessidade de uma mudança de vida. Os mesmos caminhos levam aos mesmos lugares. Ela é uma mulher das letras. Em vez de ler Hegel e Dostoiévski pela manhã, ela pretende passar uma hora em exercícios, tanto de ginástica quanto espirituais. “Uma mente sã em um corpo são”,⁴⁶ diz Juvenal. Em relação aos exercícios espirituais, ela se propõe uma meia hora de silêncio, ajoelhada no tapete de coco do banheiro. No silêncio, Etty escuta a si mesma, mergulha no seu interior, dá atenção a si mesma, aos outros e ao que liga à vida.⁴⁷

Meditar para Etty é virar-se para dentro, mergulhar em silêncio, escutando o que se passa no interior. Esse processo é sintetizado pela expressão “submergir-me”, em alemão, “*sich versenken*”. Trata-se inicialmente de fazer silêncio exterior a fim de que haja silêncio no interior. É um voltar-se

sua face esbate-se com as lágrimas e os soluços e ela exclama: “Oh, e o pior de tudo é ter de sair da Holanda!” E “Oh, por que não pude morrer antes...” Mais tarde, durante a noite, vejo-a novamente, pela última vez” (HILLESUM, E., Cartas 1941-1943, p. 212-213).

⁴⁴ HILLESUM, E., *Diário* 1941-1943, p. 333.

⁴⁵ MENDONÇA, J. T., *A Rapariga de Amesterdão*, p. 11.

⁴⁶ JUVENAL, *Sátira X*, 356.

⁴⁷ HILLESUM, E., *Diário* 1941-1943, p. 289.

para dentro de si mesmo. Submergir quer dizer mergulhar, ir até o fundo, ir ao que há de mais recôndito e essencial. O ato de mergulhar remete à ideia de água, que se tem, por exemplo, em um poço. Tirar as pedras e cascalhos do poço seria esse processo de silêncio interior, para ouvir e reconhecer as tantas vozes alheias que habitam dentro, discernindo-as da voz do Deus soterrado, em quem se anseia mergulhar. Além disso, meditar é um processo que se aprende, se treina e no qual se persevera. Meditar não é um estado, mas um percurso. A meditação não tem um fim em si mesma, mas é uma intermediária. A meta está por vir.

Poder-se-ia objetar que essa meditação de Etty seria uma atitude de ensimesmamento. O indivíduo ficaria no seu canto, quieto, alheio aos problemas do mundo e da vida, buscando uma certa satisfação interior, uma certa letargia que o faria esquecer por uma meia hora do drama que envolve o cotidiano de si mesmo e das demais pessoas que o cercam.

Meditar não é um momento para se deliciar em flutuar orgulhoso sobre os próprios elevados sentimentos. Não é um amor de luxo. Meditar é um processo interior, mas que conduz o indivíduo para fora de si mesmo. É um percurso interior que leva ao exterior. Para Etty, a meditação tem três objetivos: (a) Transformar o matagal interior em uma planície grande e ampla. É uma imagem para dizer que o caos interior, com suas tralhas, pedras e cascalhos, seja colocado na sua devida posição, seja ordenado, e em seu lugar haja um cosmos interior. O matagal é um lugar de pouca visão. A planície, por sua vez, por ser grande e ampla, permite enxergar até o horizonte. Meditar é colocar-se em ordem, em dia consigo mesmo. (b) Que alguma coisa de “Deus” penetre em si. Volta-se à imagem do poço abarrotado de quinquilharias. Tirando as tralhas, permite-se que Deus saia também do poço e esteja à vontade pelo interior, como no Éden, com os primeiros pais, quando “Iahweh Deus passeava no jardim à brisa do dia” (Gn 3,8). Meditar é colocar-se em dia com Deus. (c) Que penetre um pouco de amor, com o qual se pode fazer algo no banal dia-a-dia. Estando em dia consigo mesmo e com Deus, é possível também colocar-se em dia com os que estão em volta. Medita-se para que haja amor nos gestos e atitudes mais banais, mais ordinários do cotidiano.

Por fim, medita-se não apenas para si, mas para que, em último caso, quem está em volta seja objeto do amor que cresce em nós, graças ao mergulho em si e à abertura ao dom de Deus, que habita no interior. Meditar é sempre uma escuta habitada por outras presenças. Medita-se para que, na planície

interior, cresça um pouco de Deus e surja um pouco mais de amor, a fim de que a vida, que já é bela, tenha seu sentido.

Referências bibliográficas

BÍBLIA de Jerusalém. Nova ed. rev. e ampl. 5. impr. São Paulo: Paulus, 2008.

GERMAIN, S. **Etty Hillesum**. Paris: Pygmalion, 2006.

HILLESUM, E. **Cartas 1941-1943**. Porto: Assírio & Alvim, 2009.

HILLESUM, E. **Diário 1941-1943**. 3. ed. Porto: Assírio & Alvim, 2020.

HILLESUM, E. **Les Écrits d'Etty Hillesum**: journaux et lettres 1941-1943. Édition Intégrale. Paris: Éditions du Seuil, 2008.

HILLESUM, E. **Una Vida Conmocionada**: Diario 1941-1943. Barcelona: Anthropos Editorial, 2007.

HILLESUM, E. **Uma Vida Interrompida**: os Diários de Etty Hillesum 1941-43. Rio de Janeiro: Record, 1984.

JUVENAL. **Satire**. Londres: William Heinemann, 1928.

MENDONÇA, J. T. A Rapariga de Amsterdã. In: HILLESUM, E. **Diário 1941-1943**. 3. ed. Porto: Assírio & Alvim, 2020. p. 09-23.

SMELIK, K. A. D. Biographie d'Etty Hillesum (1914-1943). In: HILLESUM, E. **Les Écrits d'Etty Hillesum**: journaux et lettres 1941-1943. Édition Intégrale. Paris: Éditions du Seuil, 2008, p. 15-23.

Diego Fragoso Pereira

Doutor em Filosofia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Docente na ESIC Business & Marketing School

Curitiba / PR – Brasil

E-mail: diego.pereira@esic.br

Recebido em: 28/06/2021

Aprovado em: 18/11/2021